

# TIRADENTES

---

OPERA LYRICA EM 4 ACTOS

LIBRETO POR AUGUSTO DE LIMA (\*)

PARTITURA (A CONCLUIR-SE), POR M DE MACEDO

---

## Personagens

Joaquim José da Silva Xavier (O TIRADENTES).  
Gonzaga (Ouvidor de Villa Rica).  
Visconde de Barbacena (Governador).  
D. Maria de Seixas (MARILIA).  
O Ajudante de Ordens (Tio desta).  
Joaquim Silverio (contractante do Fisco).  
Perpetua (descendente de Felippe dos Santos).  
O Intendente.  
Padre Xavier.  
Luiz (escravo de Gonzaga).  
Outros conjurados, Desembargadores da Alçada, inquiridores da  
Devassa, meirinhos, a tropa, o povo, Irmandades, etc.

---

(A acção se desenvolve de 1789 a 1792)

---

(\*) — Damos hoje, em primeiro lugar, inserção na *Revista* ao presente primoroso trabalho do distincto poeta e escriptor nosso conterraneo sr. dr. Antonio Augusto de Lima, que delicada e obsequiosamente offertou o respectivo original ao Archivo Publico Mineiro e a quem reiteramos aqui os nossos agradecimentos por esse motivo. Esta nova e brilhante homenagem prestada á memoria veneravel de TIRADENTES será em breve, com a partitura do eximio maestro sr. Manoel de Macedo, duplo laurel — na poesia e na musica — glorificador de seus proprios auctores e daquela memoria immortal. — (N. da R.)

R. A. P.—1

## TIRADENTES

---

### ACTO I (A ASPIRAÇÃO)

EM VILLA RICA

O **scenario** representa o interior de uma «Intendencia», onde os empregados do fisco vão recebendo os contribuintes e descontando o quinto real. Ouve-se ao fundo do palco o câro dos contribuintes ao principio lamentoso, depois forte e ameaçador. Ao câro dos contribuintes responde o câro dos empregados do fisco. Sobre diversos moveis estão dispostos saccos de moeda e barras de ouro. Ouve-se de trecho em trecho o ranger da balança a pesar o ouro. Ha ao lado uma officina de fundição, donde partem sons compassados de martellos, no começo isolados e depois acompanhando os câros).

#### CORO DOS CONTRIBUINTES

Da aurora á tarde, ao sol ardente,  
O nosso braço a trabalhar,  
E vindo a noute encontra a gente  
Filhos sem pão, sem fogo o lar...

## CORO DOS EMPREGADOS

Graças ao throno omnipotente  
Que a plebe vil faz trabalhar!  
Deus quer o povo obediente  
E fez os reis para mandar!

## CORO DOS CONTRIBUINTES

Da aurora á tarde, ao sol ardente,  
O nosso braço a trabalhar,  
Mas o ouro vae, como torrente,  
Encher o fisco a transbordar...

(Agitação crescente)

## OS DOUS CÓROS

OS DOUS CÓROS (*fortissimo*)*Os contribuintes*

Um dia o povo ha de a corrente  
Que o prende aos reis despedaçar!

*Os empregados*

Deus quer o povo obediente  
E fez os reis para mandar!

(Ouve-se o toque de alarma dos guardas ao fundo. Cessado o tumulto e restabelecido o silencio, o porteiro apregoa)

## O PORTEIRO

A milicia cumpriu o que devia,  
De insolentes contendo a rebeldia.

## CORO DOS EMPREGADOS

Deus quer o povo obediente  
E fez os reis para mandar!

## SCENA II

(Tiradentes apparece visivelmente contrafeito, e ao avistar o intendente não contém um movimento de colera que reprime antes de percebido: dissimulando seu pensamento, dá-lhe conta das ordens que cumprira como commandante da guarda)

TIRADENTES (*concluindo*)

Tudo em paz, tudo em paz,  
Motim de pouco vulto.

## O INTENDENTE

Que dizeis, commandante? Eu sinto oculto  
Nesse rumor germen de paixões más.  
Nada occulteis: que providencias destes?  
Quaes eram os cabeças? Quaes prendestes?

## TIRADENTES

Cabeças não havia... vozes ocas.  
A um simples gesto meu tudo calou-se,  
E dentro em pouco a turba dispersou-se  
Em paz pelas montanhas e barrocas.

*Monoilogando com tronta*

E elles foram cantando o triste canto  
Que ha de acordar a natureza inteira:  
Ha de o céu recolher o amargo pranto  
Desta opprimida geração mineira!

## O INTENDENTE

Fizestes mal em paz mandando  
Desses revéis o ousado bando;

Mas não compete a mim tomar-vos conta,  
E si a mim competisse, em pouca monta  
Reputaria vossa indisciplina,  
Conhecendo vossa alma peregrina.  
Em vosso coração tomæ cuidado  
Não quebre as normas rijas de soldado.

(Em tom de reserva)

Muito maior serviço hoje preciso  
De vosso zelo, lealdade e siso.  
Deveis saber das colossaes rapinas  
De que tem sido victima a Fazenda.  
Alguns dos exactores destas Minas  
Fazem da profissão balcão e venda;  
Nenhum, porém, eguala na ousadia  
A Silverio dos Reis...

TIRADENTES

Senhor, que me dizeis?!

O INTENDENTE

A verdade; o jardim da fidalguia  
Tambem germina plantas venenosas...

TIRADENTES

E é para resarcir tão graves damnos  
Que se exigem impostos sobre humanos  
Das classes operosas!  
E querieis, senhor, que ainda ha pouco  
Eu derramasse o sangue dos plebeus!

O INTENDENTE

Silencio, commandante! Assim quer Deus:  
Os ricos sobre os pobres,  
Sobre a plebe sem nome erguem-se os nobres,  
Como sobre a nobreza o rei domina:  
E' tal a lei divina.  
Mas, urge o tempo: a tarde vem sombria  
Em quanto o sol se esconde...  
E eu vou dar parte ao General Visconde  
Dos successos passados neste dia.

(Vão se retirando os empregados, depois de ouvido o toque de trindades)

Durante minha ausencia, aqui ficae  
E attento vigilae,  
Não venha a plebe vil sedenta de ouro  
Assaltar as riquezas do thesouro.

(Retira-se o intendente, depois de apertar a mão a Tiradentes)

SCENA III

TIRADENTES E GONZAGA (*que entra preocupado*)

GONZAGA

Dia funesto e angustioso!  
Dizei-me, Xavier, a triste sorte  
Que teve após o grito sedicioso  
O meu pobre Luiz, deram-lhe a morte?

TIRADENTES

Vivo e são, são e livre elle erra agora  
Com outros patriotas. Descansae.  
Serão os precursores de uma aurora  
Que já tardando vae.  
Ora ouvi-me:  
Ha tres dias,  
Quando eu errava pelas serranias.  
Impressionado pela atroz certeza  
Da *Derrama* que em breve vae lavrar:  
Vencido pela noute, a urna devesa,  
Deitei-me um pouco para repousar...  
Si foi sonho ou visão—não sei dizêl-o:  
A emoção ainda erriça-me o cabello

Do alto Itacolomy enorme estrella  
 Começou a chispar fulgôr intenso:  
 Era tão viva e bella  
 Que fascinou todo o horizonte immenso!  
 Mas, de espanto em espanto fui levado,  
 Quando meus olhos no astro refulgente,  
 O viram de repente  
 Numa figura humana transformado!  
 «Quem és, bradei, espectro luminoso,  
 Vulto divino que provocas preces?!  
 Por que factó assombroso  
 A um soldado miserrimo appareces?!»  
 Elle não respondeu; mas seu olhar,  
 Fixo em mim, disse toda a minha mente:  
 Num raio suggestivo de repente  
 Pude tudo entender e advinhar.

.....  
 Era Felipe, o apostolo do povo.  
 O martyr que a metropole tyranna,  
 Numa febre de sangue ardente e insana,  
 Arrebatou ao pensamento novo.  
 Era elle, sim! o heroico e nobre vulto,  
 De olympica attitude e gesto altivo,  
 De quem meu pae fez o retrato vivo  
 E a cujo nome todos rendem culto!  
 «Salve, ó Martyr, bradei, sei tua historia  
 E hei de saber honrar tua memoria!»

.....  
 Dissipou-se a visão e o sol ia alto.  
 Levantei-me de um salto,  
 E desde então preoccupa-me esta idéa.  
 Meu nobre companheiro, a taça é cheia:  
 Ella vae tranbordar, basta de dôres,  
 O povo não supporta mais horrores,  
 E' chegado o momento...

GONZAGA

Na verdade,  
 São extranhas as cousas que vos ouço.  
 Eu bem quizêra pela liberdade  
 Luctar... porém não posso:  
 Ha uma fascinação irresistivel  
 Que me prende a um affecto de mulher,  
 De modo que sequer  
 Nem pensar outra cousa me é possível.

## TIRADENTES

Vós deliraes!

GONZAGA

Pardoe-me, o patriotismo.  
 E' um grande sentimento que faz bravos;  
 Mas o amor faz escravos.  
 Deixae-me despenhar em meu abysmo.  
 Tudo renunciarei: patria e familia  
 Para morrer somente por Marilia!

TIRADENTES

Nem mais uma palavra: blasphemais!  
 Gema o povo opprimido e desgraçado  
 Sob a *derrama* audaz,  
 Contanto que, feliz e enamorado,  
 Vós, senhor ouvidor,  
 Gozeis do vosso amor.  
 Ide mostrar que o poeta soberano,  
 O divino Dirceu não tem na lyra  
 Uma corda que fira  
 O amor da Patria. Que fatal engano  
 O meu ao confiar-vos o segredo  
 Do meu patricismo!

GONZAGA

Ah! muito injusto sois, não tenhaes medo  
 Que eu seja desleal e'n meu egoismo.  
 Vosso discurso o peito me incendia,  
 E me deixo arrastar por vossa idéa!

TIRADENTES

De um rude militar não parta a voz;  
 Mas de outros homens cultos como vós.  
 Aqui tendes meu braço e junto delle  
 Alvarenga, Maciel, Claudio, Toledo  
 E outros varões que o patriotismo impelle.

Já não é muito cedo

Para vossa alma lyrica e inflammada  
 Dar uma patria livre a vossa amada!

(Gonzaga retira-se Impressionado e Tiradentes se recolhe)

(Mutaçào de scena. Interior do salào principal do Governador. Damas, cavalleiros e pagens vao entrando e no fim apparece o visconde de Barbacena. De outro salào ao fundo, continuam a partir sons de contradansa)

#### SCENA IV

##### O VISCONDE DE BARBACENA

Damas gentis e nobres cavalleiros,  
Quanto me é grata a vossa companhia!  
Minha alma se abre em estos prazenteiros  
Banhada nos effluvios da alegria.  
Modulastes tão bem o minuêto,  
Com passo tão seguro e tão discreto,  
Que eu me julguei voltado  
Ao juvenil passado.  
Si a saudade da patria a todo instante  
A alma não me pungisse cruciante  
Neste rude paiz;  
Si não foram cuidados do governo,  
Eu renderia graças ao Eterno,  
Por ser d'entre os mortaes o mais feliz.  
Nada hoje falta ao resplendor completo;  
Damas formosas, flôr do sentimento,  
Cavalleiros gentis, flôr do talento,  
Tudo aqui se reune em doce affecto.

*(Depois de reparar em torno)*

Não! falta ainda um bardo favorito,  
O mavioso Dirceu que a Arcadia affaga:  
Dizei-me todos—onde está Gonzaga?  
Mas, que sentes, Marilia? Estou afflicto  
Com tua commoção!

MARILIA *(perturbada)*

Nada, senhor,  
Offego apenas do calor.

(A orchestra do fundo dá signal de que vae recommear a contradansa.  
Entram todos, ficando só Marilia)

#### SCENA V

##### MARILIA E DEPOIS GONZAGA

MARILIA

O meu olhar trahiu o meu affecto:  
Bem o senti do general no aspecto.  
Triste presentimento me argustia  
E tenho na alma a inquietação sombria!  
Porque não abafei no amor materno  
Esta paixão que me inspirou o inferno?  
Filha de paes amigos da rainha,  
Como hei de me ligar (sorte mesquinha!)  
A um demagogo e livre pensador,  
Conforme o povo affirma do Ouvidor?  
Si eu podesse arrancar-o desse abysmo  
Para onde o arrasta o seu liberalismo  
E dominal-o inteiramente  
Com meu amôr ardente!

Fôra, porém, preciso desprendêl-o  
Desse amigo funesto, que o fascina,  
Do alferes Xavier, meu pesadêlo,  
E para quem prevejo horrivel sina.  
Pois bem! Coragem! Calcarei no peito  
Os impetos do amor. A indifferença  
Dissipará no General o effeito  
De minha indiscrição e, sem detença,  
Gonzaga ha de deixar a companhia  
Do fatal Tiradentes que o jungia.

Então feliz serei talvez  
Do seu amor, elle do meu,  
Cantando em doce embriaguez,  
Amor Marilia, Amor Dirceu.

O céu azul ha de sorrir  
E a natureza abrir-se em flôr,  
E tudo em côro ha de se ouvir:  
Dirceu amor, Marilia amor.

Ser delle só, saber tambem  
 Que elle nasceu só para mim...  
 Sosinhos nós e mais ninguem...  
 Dirceu... Marilia... amor sem fim!

(Marilia fica pensativa por muito tempo, de modo a não perceber a entrada de Gonzaga que a contempla)

GONZAGA

Senhora! Boa noute.

(Marilia perturbada, finge-se calma e corresponde com um leve movimento de cabeça)

GONZAGA *(continuando)*

Perdoae-me que affoute  
 Um humilde pedido: tendes par  
 Para o minueto que se vae dansar?

MARILIA

Perdoae-me, mas sinto que não possa...  
 E fico grata á gentileza vossa  
 Que entre outras damas mais formosas, bellas,  
 Veiu escolher a mais humilde dellas.

GONZAGA

Escolhi dentre todas a rainha!

MARILIA *(com ironia)*

Que elevação a minha!  
 Mas admiravel é que a um soberano  
 Preste homenagens um republicano...

GONZAGA

Senhora! Não zombeis; si, como penso,  
 Correspondeis ao meu amor immenso,  
 Declarae de uma vez findo o supplicio  
 E si de mim quereis um sacrificio!

MARILIA

Ha um abysmo entre mim e vós profuado!

GONZAGA

Oh! não me tortureis!

MARILIA

Exige o mundo  
 A união da familia e a mesma vista:  
 Minha familia é toda realista,  
 E vós me pareceis um demagogo.

*(Affastando-se para o fundo)*

Attendei ao meu rogo:  
 Por amor á familia.

Renunciae á posse de Marilia!!...

*(Gonzaga, louco de paixão, arroja-se aos seus pés supplicante)*

MARILIA

Pois bem! já que o destino omnipotente  
 Nossas almas uniu, cumpra-se a sorte!  
 Gonzaga, eu te amo com paixão ardente,  
 Juro que serei tua até á morte.  
 Mas jura, tambem tu, que d'ora em diante,  
 Has de sacrificar por tua amante  
 Do ousado Tiradentes a amisade  
 E os devaneios vãos da liberdade!

GONZAGA

Marilia minha!

MARILIA

Meu Dirceu amado!

OS DOUS

Cumpra-se o nosso fado:  
 O céu azul ha de sorrir  
 E a natureza abrir-se em flor.  
 E tudo em côro ha de se ouvir:  
 Dirceu amor, Marilia amor.

(Tem terminado a contradança, e o visconde, acompanhado das damas e cavalheiros, penetra no salão e surprehe Gonzaga e Marilia em attitude confidencial).

### O VISCONDE DE BARBACENA

Melhor remate a festa não teria!  
Um romance de amor! Vibre a alegria,  
E que este belo madrigal produza  
O enlace do poeta e sua musa!

MARILIA (*à parte*)

E elle não deu o juramento!

GONZAGA (*à parte*)

Nunca darei tal juramento!  
Pobre Marilia! A culpa é de teus paes!  
Dar-te-ei a minha vida, a honra jamais!

### CORO

O céu azul ha de sorrir.  
E a natureza abrir-se em flor,  
E tudo em côro ha de se ouvir:  
Dirçeu amor, Marilia amor!

(*Cae o panno*)

FIM DO 1.º ACTO

## ACTO II (A conspiração)

(A scena representa um valle estreito. Ao lado e ao longe, desenha-se o pico do Itacolomy e a cordilheira de Villa Rica. Do fundo do valle vão apparecendo os conjurados, envolvidos em longas capas Noute fechada e ameaçando tempestade. Reconhecimento reciproco dos conjurados).

### TIRADENTES

Eis-nos, emfim, de novo reunidos.  
E era tempo: annuncia-se a *derrama*!  
Movem-se as tropas contra os opprimidos  
E o vice-rei o povo ás armas chama!

### ALVARENGA PEIXOTO

Os que ao fisco não podem dar dinheiro  
São mettidos em duro captiveiro.

### GONZAGA

Peior ainda: um que impugnou o imposto  
Foi no tronco opprimido e á morte posto!

### CLAUDIO

E que direis daquelle infeliz moço  
Que de fome morreu no calabouço.  
Emquanto a noiva virginal morria,  
Pasto da impudicia numa orgia!?...  
Sejamos contra a força peito a peito!  
A honra affrontada exige um desaggravo:  
Não ha dever algum de ser escravo,  
Sempre a revolução foi um direito.

### MACIEL

Muito menos o povo americano  
Soffreu da velha dymnastia ingleza.  
Alli, nunca o egoismo de um tyranno



Sacrificou o povo á realza !  
 Ha gemidos de dôr em nossas mattas,  
 Ulula o vento tragicos rumores,  
 As serranias choram nas cascatas  
 E cada valle é um estendal de dôres !  
 Aqui, só o homem silencioso aneia !  
 Nem um gesto siquer, nem uma voz !  
 E a plebe, curva ao sabre que a lanceia,  
 Victima, faz-se cumplice do algoz !

**TIRADENTES** (*Impaciente*)

Assim é! Mãos á obra: o tempo vôa.  
 No derradeiro encontro que hoje temos,  
 Urge-nos assentar planos extremos,  
 Pois a hora do combate quasi sôa !  
 Ha suspeitas no ar: o povo inquieto  
 Inspira vigilancia noute e dia;  
 Dobram-se as guardas e o quartel repleto,  
 Sobre a cidade attentamente espia.  
 Tenho em minha alma concentrado as dôres  
 Deste povo opprimido: e vós, senhores,  
 A gloria pleiteae, que eu só desejo

Me offereças o ensejo

De ter o posto de maior perigo.  
 Ao primeiro raiar da madrugada

Ao Rio sigo,

A sublevar a tropa aquartelada.  
 Vós, Claudio, traçareis com penna de ouro  
 As novas leis da Patria libertada;  
 E vós, Maciel, o mensageiro louro,  
 Ireis levar ao vice-rei a nova !  
 Tudo fareis depois de posto á prova  
 O movimento, ao qual darei o impulso,  
 Mas, ainda uma vez, eu vos conjuro:  
 Si não tendes fé viva e firme o pulso,  
 Deixae sosinho este soldado obscuro.  
 Tendes bens de fortuna duradoura:

Todos tendes familia,

Vós, a formosa Barbara cantora,

Vós, a gentil Marilia

(Fica pensativo)

**CLAUDIO**

Mancebo heroico, alma sublime !  
 Elle um filho extremoso, assim se exprime  
 Elle, cujo heroismo militar  
 Fal-o-la um dia general sem par !

**TIRADENTES**

Meditae bem no risco da aventura,  
 Si como eu não sentis a fé segura.

**GONZAGA**

Como vós, honraremos nosso posto,  
 Para affrontar a tyrannia em rosto,  
 Temos novos amigos, e dentre estes  
 Um cujo nome ha muito que aprendestes,  
 De nobre posição, prudente e serio,  
 Todos o conheceis—Joaquim Silverio.

(Todos, menos Tiradentes)

Bem vindo seja o novo companheiro !

(Tiradentes, como perseguido por uma idéa fixa, fica pensativo  
 e senta-se numa fraga)

**GONZAGA A TIRADENTES**

Não approvastes a adhesão, amigo !  
 Dizei o vosso pensamento inteiro !

(Os outros conjurados)

Dizei o vosso pensamento inteiro !

## TIRADENTES

Eu, como conjurado, só vos digo  
 Que a idéa que nos une é muito bella,  
 Pode inspirar uma alma e convertel-a,  
 Não me exijaes um louco sacrificio:  
 E' um segredo do officio,  
 E a fé official do ex-funcionario  
 Intacta fica no revolucionario!  
 A idéa que nos une é muito bella,  
 Pode inspirar uma alma e convertel-a.  
 Eu, como conjurado, vos repito:  
 Darei por ella a vida. E tenho dito.

(Os conjurados vão se sentando e trocando colloquios entre si,  
 mas sem animação)

## GONZAGA

Que será de Marília em minha ausencia

## ALVARENGA PEIXOTO

Barbara minha, que pressagio triste  
 Desde o momento em que de mim partiste  
 Iphigenia Gentil, flor de innocencia,  
 A's margens do Sapucahy formoso,  
 Chora e o vosso pae e terno esposo...

(A orchestra vae amortecendo cada vez mais. Ouve-se ainda ao  
 longe o rumor surdo do trovão. Uma especie de torpor vae-se  
 apoderando dos conjurados. Entretanto, começa-se a ouvir  
 uma voz seguida de outras, em pontos diferentes e distantes,  
 como se partissem do fundo dos valles longinquos).

## UMA VOZ

Da aurora á tarde ao sol ardente,  
 O nosso braço a trabalhar.  
 E vindo a noute encontra a gente  
 Filhos sem pão, sem fogo o lar...

(Os conjurados fazem movimento de attenção. Tiradentes se ergue e im-  
 põe silencio)

## OUTRA VOZ

Da aurora á tarde ao sol ardente,  
 O nosso braço a trabalhar;  
 Mas o ouro vae, como torrente,  
 Encher o fisco a transbordar...

OUTRAS VOZES, que se reuñem ás primeiras

Da aurora á tarde, ao sol ardente,  
 O nosso braço a trabalhar.  
 Um dia o povo altivamente  
 Ha de todos reis se libertar.

## TIRADENTES

(Resoluto e em tom prophético)

Ha de dos reis se libertar o povo.  
 Ouvistes bem? Que a inspiração de novo  
 Nos encha o peito de valor e avante!

Dirigido-se aos conjurados e indigitando com o braço estendido na dire-  
 cção das vozes)

São elles, os patriotas  
 Que libertei das garras da justiça.  
 São opprimidos da real cobiça,  
 Que andam peregrinando pelas grótas,  
 Pelos valles desertos e recantos.  
 Sim! São nossos irmãos de fronte adusta,  
 Que andam guiados pela sombra augusta  
 De Felipe dos Santos!!...

(Os conjurados têm-se levantado todos. Ouve-se as ultimas notas do  
 cõro dos contribuintes, ao longe)

## CORO DOS CONTRIBUINTES

Um dia o povo altivamente  
 Ha de dos reis se libertar!

(Os conjurados rodeiam a Tiradentes e o olham com admiração)

### OS CONJURADOS

Expedi vossas ordens, chefe e amigo,  
Inspira-vos o ceu, sois nosso eleito!  
Emquanto o alento nos encher o peito,  
Estaremos convosco no perigo!

TIRADENTES (*desembainhando a espada e apresentando-a*)

Juraes aqui fidelidade,  
Juraes amor à liberdade  
E morrer pela patria que adoramos?!

### OS CONJURADOS

Juramos!!....

## SCENA II

JOAQUIM SILVERIO (*chegando precipitadamente*)

Mais um para jurar, chego ainda á hora!

Tiradentes recebe o juramento de J. Silverio, fitando-o de modo singular, o que o faz tremer. Emquanto sôa a orchestra dirige-se aos conjurados, gesticulando como quem traça planos de campanha distribuindo postos).

### TIRADENTES

Ou vencer ou morrer, á lucta agora!

### TODOS

Ou vencer ou morrer!!

(Envolvem-se de novo nas capas e vão se retirando por veredas diferentes, ficando Joaquim Silverio no mesmo sitio)

## SCENA III

JOAQUIM SILVERIO (*só*)

A ninguem, fóra minha consciencia,  
Deste meu proceder chegue a sciencia.  
Quiz o fisco abater por avareza  
E eis-me afinal vendido á realza.

Estes Platões quizeram, por seu mal,  
Fazer uma republica ideal.  
Governo sem dinheiro, que utopia!  
Viva o dinheiro! Viva a monarchia!  
Não é que eu tenha amores á Rainha,  
Vive a me perseguir sempre a beata!  
Nem ao Governador, que me maltracta  
Por causa de uma divida raesquinha  
De cento e tantos contos!  
Mas, tambem menos valem esses tontos,  
Menestreis phantasistas, gente sabia  
Que se deixa arrastar por chocha labia  
Do Alferes Xavier!  
Ouro vale ouro, já não ha que ver:  
Arranco-o ao povo e ao fisco o não recolho.  
Contra a extorsão do fisco... olho por olho!  
Vou, pois, brindar a excelta monarchia  
Com algumas cabeças, — que iguaria!  
Deve ser saborosa e bem picante  
Temperada com sonhos de levante!

(*Voltando-se para o fundo*)

Sonhadores, segui! Que é vossa pista  
Fareja um cão de lila realista.  
Por mais que vos veleis sob o mysterio,  
Tereis atraz de vós Joaquim Silverio!

(J. Silverio se precipita pelo valle a fóra no rumo de Tiradentes. Por esse tempo já tem cessado o rumor do trovão e vem amanhecendo. Aparecem pouco a pouco os montanhezes, voltando da missa e acompanhando o Padre Xavier)

## SCENA IV

OS MONTANHEZES

S de sempre bemdicto,  
Divino Sacramento,  
Que ao peccador constricto  
Trazeis conforto e alento.

## PADRE XAVIER

Alto! meus filhos: descansar um pouco.  
 Estes fragueiros matam a velhice.  
 No entanto, quando moço, por um louco  
 Tomar-me-ia logo quem me visse  
 Galgar estes penhascos de um só salto!  
 Também conheço a palmo esta devesa,  
 Conheço estes grotões do fundo ao alto.  
 Aqui a natureza  
 Occulta galerias mysteriosas,  
 Covadongas seguras, generosas,  
 Contra as perseguições da tyrannia,  
 E quem sabe se um dia...

## UM MONTANHEZ

Padre Mestre, perdoae-nos a ignorancia,  
 Muita gente pergunta si é peccado  
 O pobre protestar contra a arrogancia  
 Do rico potentado.  
 Perdoae-nos, mas pergunta muita gente  
 Si ao povo é permittido fazer frente  
 Contra um governo injusto que o expolia:  
 Condemna a Egreja este acto de energia?

PADRE XAVIER (*com inspiração*)

Não, meus filhos! A humana dignidade  
 Dos poderes da terra acima paira.  
 Alem... só Deus. Quando o poder desvaira,  
 E o offende na honra e na propriedade,  
 Pôde e deve o opprimido protestar,  
 E mais do que isto: o jugo espedaçar!  
 Eis a minha resposta: e a Deus prouvera  
 Que os reis reconhecessem sua esphera.  
 Bem vos entendo, filhos meus queridos!  
 Victimias sois e sois dos opprimidos.  
 Ficai certos de que ha libertadores:  
 Elles estão em campo e vossas dores  
 Vão em breve cessar.  
 Assim, a hostia santa que na missa  
 Acabo de elevar  
 Seja o sol que illumine o chão da liça  
 Onde vão se bater pela Justiça!

(Os montanhezes cahem de joelhos e o padre Xavier os abençoa, enquanto entoam o canto religioso)

## OS MONTANHEZES

Gloria ao Pae increado,  
 Gloria ao Filho encarnado  
 E ao Spirito tambem:  
 Gloria á Trindade. Amen!

(*Cabe o panno*)

**FIM DO 2.º ACTO**

210

211

## ACTO III (a traição)

### SCENA I

(O scenario representa á direita o gabinete particular do Governador, onde este passeia agitado; e á esquerda, um salão de trabalhos, onde os empregados da Devassa se movem activamente, uns escrevem, outros interrogam, etc. O Governador se detem ao sentir passos e leva instinctivamente a mão á espada: mas logo se acalma, vendo entrar o seu ajudante de ordens, a quem convida com reserva para sentar-se junto d'elle).

#### O VISCONDE DE BARBACENA

Que me dizeis de toda essa loucura  
Que a perfidia arrastou da inconfidencia  
Homens leaes e cheios de cultura,  
Homens que da real munificencia  
Houveram sempre dons inestimaveis?  
Acaso imaginaveis  
Capazes de fazer tal sacrilegio  
Tantos validos do alto favor regio?

#### O AJUDANTE DE ORDENS

Na verdade, senhor, o caso é serio  
E extraordinario: o senso mais arguto  
Não pode penetrar todo o mysterio!  
Ha um poder infernal magico e astuto,  
Que arrasta os grandes e fascina a plebe,  
Dizem que d'elle inspirações recebe,  
Durante longos extasis videntes,  
O alferes Xavier, o Tiradentes.

## O VISCONDE DE BARBACENA

Dizei antes que o trefego soldado  
Cumpre ordens de commando, que é mandado!

## O AJUDANTE DE ORDENS

Perdão, senhor Visconde,  
Chegarei até aonde  
Quereis levar o vosso pensamento.  
O commandante está no movimento;  
Mas, como outros rebeldes de alto porte,  
Passou a commandado  
E jurou fascinado  
Seguiu o visionário até á morte.  
Contam-se deste cousas muito extranhas:  
Energicas façanhas,  
E ao mesmo tempo gestos de humildade.  
Generoso e magnanimo, elle occulta  
Os feitos meritorios que pratica.  
Sensível aos favores, sempre indulta  
Os agravos soffridos: Villa Rica  
Sò mais não lhe perdôa  
Seus actos infieis contra a corôa.

## O VISCONDE DE BARBACENA

Certo, não foi por celebrar a fama  
Do official rebelde e presumido  
Que vos mandei chamar, si é que na trama  
Não vos achaes tambem vós envolvido!

*(Levanta-se e passeia agitado)*

Tudo é possível hoje; como vêdes,  
Nem posso confiar nestas paredes!  
Lavra o incendio da insania e em toda parte  
Planta a Discordia o heretico estandarte!  
Não confio no povo: elle murmura.  
Posso fiar-me na magistratura,  
Quando nella se conta o juiz Gonzaga?  
E que dizeis dessa milicia paga  
Cujo commando entrega se á revolta?

Desgraçado Brasil! Porque não volta  
Esse tempo ideal, em que os vassallos  
Pela fé, pelo Rei, sempre luctando,  
Julgavam-se felizes, mesmo quando,  
Morriam sob as patas dos cavallos?  
Hoje, um crime de lesa-magestade  
Só tem quem denuncie-o á Autoridade  
Ladrões que querem impetrar indulto!  
E donde sahe o mysterioso vulto,  
Mensagem do inferno,  
Que anda de porta em porta revelando  
Os planos do Governo  
Aos implicados nesse horror nefando?!...

*(Fitando o ajudante com suspeita ironica)*

Tremo de acreditar que caqui saia!

## O AJUDANTE

A minha leal fé. Senhor, julgae-a  
Por meu longo passado e precedentes:  
Julgae-a ainda nas acções presentes:  
Dellas vereis a lealdade minha  
A' vossa causa e á causa da rainha.

## O VISCONDE

Dizei-me, pois: não stá perdido tudo?  
Ha ainda um peito que me seja escudo?  
Pois bem! Terei uma energia de aço  
E mostrarei a força do meu braço!

## O AJUDANTE

Acham-se presos já muitos cabeças  
E as masmorras repletas; porem essas  
Nunca viram detentos tão egregios,  
Nobres varões, representantes regios,  
O que Minas possui de mais figura  
Do direito e das letras na cultura;  
E sobre todos elles, o Doutor,  
Claudio Manuel, o velho pensador *(commove-se)*

O VISCONDE (*irritado*)

Basta! Vossas palavras retumbantes  
Tecendo encomios alto significam  
Que á causa da Rainha leaes ficam  
Sómente analphabetos e ignorantes!

## SCENA II

(Os mesmos e Joaquim Silverio)

## JOAQUIM SILVERIO

Não, senhor General, também os rudes,  
Esquecidos das civicas virtudes,  
Envolvidos estão no movimento  
Que avulta mais e mais neste momento  
Mas, apesar dos ben. urtidos laços  
Dos conjurados, tem a alta Rainha,  
Além da grande lealdade minha,  
Outros peitos fiels e fortes braços.  
A revolta ha de ser amordaçada:  
Tenho commigo os fios da meçada.

*(Desenrolando papeis e mostrando-os)*

Eis o esboço das leis da inconfidencia,  
Firma-as o Dr. Claudio; quanto ao mais,  
São discursos e versos infernaes,  
Parlapatice e arenga  
De Maciel, de Gonzaga e de Alvarenga...  
Encontrei entre as cartas, cheias de odio,  
Uma, entretanto, tendo este episodio:  
Ficando resolvido  
Cortar vossa cabeça, commovido,  
Declarou Tiradentes que jamais,  
E que antes dar-vos-ia  
Das suas terras uma sesmaria,  
Onde pudesseis dignamente estar,  
Si á patria não quizesseis regressar.

O VISCONDE (*ironico*)

Por tanta gentileza sou-lhe grato.  
E que é feito do misero insensato?

## J. SILVERIO

No Rio assiste e a esta hora está recluso.

O VISCONDE (*ao ajudante*)

E da vossa sobrinha o noivo amado?

## O AJUDANTE

Do pacto nupcial foi desligado  
Desde que se envolveu no horrendo abuso.  
Maria chora a sua desventura,  
Por ter amado a abjecta creatura.

No salão dos trabalhos é introduzida uma mulher de preto e com o  
rosto velado)

## SCENA III

## O INQUIRIDOR

Descobri-vos, Senhora, e respondi.

MARILIA (*descobrimdo-se*)

Senhores, nada sei!

TODOS (*com surpresa*)

D. Maria Seixas, que desgraça!  
Envolvida nas rédes da Devassa!

## MARILIA

Sim! Nada sei dos outros e somente  
Venho falar em prol de um innocente:  
Elle culpa não ten,  
Si Gonzaga é culpado, eu sou também!

## TODOS

Ella defende o conjurado!  
Ella defende o renegado!

(O ajudante de ordens penetra e acha-se em frente de sua sobrinha e interroga a todos com o olhar)

TODOS

Ella defende o conjurado!  
Ella defende o renegado!

MARILIA (*ajoelhada nos pés do ajudante*)

Perdoae-me, meu tio, amo a Gonzaga  
E o meu amor por elle não se apaga.  
Quando vos disse que não mais o amava,  
Eu mentia... mentia e delirava!  
Em nome desse amor, affronto a morte,  
Para participar de sua sorte!

(*Delirando*)

Então, feliz serei talvez  
Do seu amor, elle do meu,  
Cantando em doce embriaguez:  
Amor Marilia, amor Dirceu.

(*Dá uma gargalhada de louca*)

Vêde, meu tio, que feliz noivado!  
Tal noiva, noivo tal; mas que peccado!

TODOS (*ao ajudante*)

Tende piedade, está doente:  
Ferde a razão em febre ardente.

MARILIA (*procurando reconcentrar-se*)

Sim! Agora me lembro: foi num dia,  
Em que no meu jardim flores colhia:  
Tinha o jardim tão bellas flores...  
Gorgeiavam canarios nos cercados,  
Beija-flores piavam nos gramados...  
Meu Deus! Que lindos beija-flores!  
Eu o vi!!! Nos espinhos da roseira  
Feri meus dedos... planta traiçoeira...

Ai! quanto sangue! Ai! quantas dôres...  
Mas depois... que delicias tão suaves!...  
E agora... elle não mais, não mais as aves,  
E o meu jardim não tem mais flôres.

(*Toca o sino a Trindades*)

Que sons tão tristes pela noute descem!  
Ai! são as minhas aves que fallecem!  
E' o mesmo sino, o mesmo sino!  
Accendam cyrios, façam-me o toucado  
E vistam-me a mortalha do noivado,  
Que eu tenho um noivo peregrino...  
Um dragão m'o levou por esses ares...  
Esse dragão, atravessando os mares,  
Busca um paiz... alem... distante ..  
Porem, outro dragão maior ainda  
Ha de levar a branca noiva linda,  
Braços em cruz, ao seu amante!

O AJUDANTE

Volve a tua razão e vem commigo:  
Vem com teu tio e verdadeiro amigo.  
Desperta, minha filha, escuta e crê:  
Gonzaga será teu, por minha fé!  
(*Marilia sae machinalmente conduzida pelo ajudante*)

#### SCENA IV

(O visconde e Joaquim Silverio, que tem estado constantemente em colloquio, proseguem)

J. SILVERIO

Dizei-me, pois, senhor, á vista disso  
Si aquelle que prestou um tal serviço,  
Com tanta lealdade e firme crença,  
Merece ou não alguma recompensa?

O VISCONDE

Certo que sim! Que desejaes que eu faça?



J. SILVERIO

Obrigado, senhor, de vossa graça  
 Espero seja em breve reparada  
 Uma grave injustiça a mim lançada.  
 O espirito revel que o povo exalta  
 Conseguiu penetrar na justiça alta  
 E envolver-me nuns autos infamantes...  
 Sustae, senhor, com ordens terminantes  
 Esta obra da calumnia revoltosa  
 E pedi à Rainha poderosa  
 Pelo vassalo e subdito fiel,  
 Que confundiu o espirito revel.

(O visconde escreve despachos, entrega-os a J. Silverio. Este retira-se, depois de cortejar servilmente o Governador, que o acompanha com um olhar de desprezo)

O VISCONDE

Enquanto cuida em si, elle não trama!  
 Canalha torpe, espirito de lama!

(Ouve-se um pequeno ruido. Abre-se uma porta de segredo da parede ao fundo e assoma um vulto embuçado. O visconde sobressalta-se, leva a mão á espada: depois sente-se acovardado pelo pavor, quer chamar por soccorro)

SCENA V

O VISCONDE E PERPETUA

O VULTO

Tranquillisae-vos, nobre General,  
 Uma pobre mulher não vos faz mal!

O VISCONDE

Uma mulher? Quem sois? Donde viestes?  
 E como penetrar aqui pudestes?!

O VULTO

Pouco importa saberdes como vim:  
 Aqui não ha segredos para mim.  
 Pouco importa tambem que eu saiba a sorte  
 Que tenhaes de me dar: não temo a morte.  
 Eu sou o Sofrimento, a Angustia, a Fome,  
 Venho do povo e tenho qualquer nome.

O VISCONDE

Um espectro!?

O VULTO

E tambem eu sou, senhor,  
 A virgindade, o heroismo, a fé e o amor!

Arroja de si a capa e manifesta-se uma formosa mulher, trajada com severa elegancia)

PERPETUA

Já sei de tudo, General Visconde,  
 Que este palacio esconde  
 De infamias e attentados!  
 Enquanto esses Juizes aviltados  
 Buscavam provas com feroz ruido,  
 Tambem me apoderei de um documento  
 Que si na Côte fosse visto e lido,  
 Não ficáreis aqui mais um momento!

(O visconde, depois de revolver os segredos de sua secretária, extremamente agitado, avança contra Perpetua e toma-lhe os pulsos com força).

O VISCONDE

Restitue-me os papeis, mulher damnada!  
 Ou te prostro no chão inanimada!

PERPETUA (*com serenidade stoica*)

Procurai-os em mão de Tiradentes!

R. A. P. 3

(O visconde, como despertado por uma idéa, muda de tom)

O VISCONDE

Ah! tu não dizes a verdade, mentes!  
O Alferes Xavier está no Rio!

(*A' parte*)

Vou descobrir deste mysterio o fio...  
Claudio maldito, és o depositario  
Deste segredo tragico e nefario!...

PERPETUA (*accentuando as palavras*)

E' este, General, o grande abysmo  
Que nos separa: honra e probidade  
Justiça e Liberdade,  
Eis nossa força contra o despotismo!  
De que vos serve essa dourada farda,  
Si uma fragil mulher vos acovarda?  
Governar é ser pae e ser esposo,  
Ser esposo da Patria e pae do Povo,  
E não tyranno, algoz e criminoso!  
Dentro em pouco, ver-me-eis aqui de novo,  
Acompanhando a multidão dos meus.  
Senhor Visconde, boa noute! Adeus!

(Toma de novo a capa e retira-se, deixando o Governador interdito e pasmo. Annuncia-se o correio do Rio)

O PORTEIRO (*entregando a correspondencia*)

Cartas do vice-Rei em nome da Rainha!

O VISCONDE (*depois de ler avidamente a correspondencia*)

Ah! desta vez a sorte ainda é minha!  
Contra mim não se achou nenhum indicio  
E o vice Rei me louva em seu officio.  
Confirmo o meu primeiro pensamento:  
E' com Claudio que pára o documento!

## SCENA VI

(O visconde e depois o inquiridor, o ajudante e outros).

O INQUIRIDOR (*entregando os autos da devassa*)

Nossa missão, Senhor, foi preenchida  
E pela melhor forma concluida.

O VISCONDE (*animado*)

Porteiro! Os meus salões franqueia  
A' fiel tropa e ao povo amigo,  
E de expansões com a alma cheia,  
As multidões venham commigo!  
Dize-lhes que o soldado faccioso  
E seus asseclas jazem na enxovia,  
E ao Throno excelso e Todo Poderoso  
Todos rendamos graças neste dia!

(Soam cornetas. Vae-se reunindo o povo)

O AJUDANTE (*ao General*)

Quanto me dóe, Senhor, ser nesta festa  
A nota pungentissima e funesta.  
Maria, entregue au louco desvario,  
Deixou meu lar: não sei si succumbiu,  
Disseram-me, entretanto, que na estrada  
Ella foi encontrada  
Com outra mulher jovem viajando...

O VISCONDE

Socegae que Maria é viva e sã,  
Mandae em seu encalço galopando  
Alguns soldados e antes da manhã  
Seguras pela escolta,  
As fugitivas estarão de volta...

(*Re.ervadam:nte*)

Ainda uma ordem: Dentro em uma hora  
Por maxima demora,  
Fazei que na prisão de Claudio, a vida  
Um cadaver atteste um suicida!

(Voltando-se para o povo e a tropa)

Fieis soldados e leaes vassallos.  
Para longe os pezares e a tristeza.  
Os reprobos fataes, ha de esmagal-os  
A justiça immortal da realeza.

Por um affecto que a alma nos penhora,  
Manda a rainha annunciar que agora,  
Como novo sinal de que nos ama,  
Resolveu dispensar-vos da *Derrama*.

O POVO E A TROPA

Viva a Rainha, a mãe amiga  
Que os bons premeia e os máus castiga!  
Viva a Rainha, a mãe clemente,  
Viva a Rainha eternamente!

(*Cae o panno*)

FIM do 3º. ACTO

## ACTO IV (O julgamento e o patibulo)

NO RIO DE JANEIRO

(De um lado o recinto da Relação, onde está reunido o Tribunal da Alçada; do outro, galeria onde o povo se agglomera. Ao subir o panno, estão conferenciando os Desembargadores, em numero de oito, revestidos de suas insignias. Alem dos juizes, officiais de justiça, praças, etc.)

### SCENA I

O Tribunal da Alçada

DESEMBARGADOR PRESIDENTE

Ao direito votei minha existencia,  
Encaneci na faina do processo;  
Comtudo, vos confesso:  
Este caso me obumbra a consciencia.  
Julguei sicarios cheios de ousadia,  
Burlões subtis e réus de maior crime,  
Factos que a lingua humana não exprime,  
E que a Lei muitas vezes nem— previa  
Dos papeis deste feito o exame insano  
Conserva-me, entretanto, a alma inquieta:  
Temos julgado um réu ou um profeta?  
Caberá tanto heroismo em peito humano?

UM DOS VOGAES

Bem pode ser tambem um insensato,  
Ambicioso de glorias...

## TIRADENTES

Porque evocaes de novo á vida e ao mundo  
Um pobre penitente moribundo?  
Tirando-o do Oratorio, a Deus voltado,  
Interrogaes a um réo já condemnado...

*(Pausa)*

Em nome da Santissima Trindade,  
Eu jurei defender a liberdade...

## O ESCRIVÃO

...Eu jurei defender a liberdade...

## TIRADENTES

Ha tres seculos quasi, um mundo novo  
Serve de berço e estancia a um nobre povo  
Na terra — um paraíso e nos espaços  
Um cruzeiro de luz lhe guia os passos!  
Mas, apesar de tudo em captiveiro  
Geme opprimido o povo do Cruzeiro!  
De que lhe serve a cruz entre as estrellas,  
Si nem ergue a cabeça para vel-as?  
Foi assim reflectindo que, plebeu,  
Filho dos altos pincaros de Minas,  
Donde se avista mais de perto o céu,  
Eu tive a graça de visões divinas!

*(En'evado)*

Lá vão tres annos, que o astro milagroso  
Pelo Itacolomy, baixou á terra.  
Meus olhos viram na elevada serra  
Surgir a sombra de um heroe glorioso!

*(Como si a visão se renovess)*

Sim! Sombra veneranda, que ainda anceias  
Com as dôres do povo escravizado;  
Eu jurei-te quebrar, de animo ousado,  
Da tyrannia todas as cadeias!

.....  
Vão dar-me a morte em barbaro supplicio!  
Que importa o corpo? E' pouco o sacrificio.  
Mas minha alma voando, tempo a fóra,  
Viva e livre, mais livre do que agora,  
Cheia de affectos, rutilante e pura,  
Ha de animar a geração futura!

(O Presidente suspende com um gesto a mão do Escrivão para que não escreva)

## TIRADENTES

Podeis dar a vossa ultima sentença.  
Vêdes que a prova contra mim é immensa!  
Cumprí a Lei com vossa autoridade  
Condemnando o Direito e a Liberdade!

## O PRESIDENTE

Silencio! que fallaes perante a Alçada!

*(Depois de uma pausa)*

Ides dizer agora com franqueza  
Os companheiros que na infame empresa  
Vos ajudaram com a fê jurada.

## TIRADENTES

Ha junto da justiça servidores  
Que podem devassar os malfeitos.  
De mim não espereis que algo adiante,  
Pois de reu não me faço denunciante!  
Si os outros reus se dizem innocentes,  
E' que o são. Só culpado é Tiradentes.  
Meu verdadeiro companheiro, olhae,  
E' o povo do trabalho, orphão de pae,  
Que a tutela real leva ao Calvario,  
E de quem sou apenas mandatario.  
Julgue-o a vossa justiça e á morte o ponha,  
Que a morte é preferivel á vergonha!...

## CORO

Falla como um propheta illuminado  
E vae ser ao martyrio condemnado!

(Agitam-se as campainhas)

O PRESIDENTE

Soldado sois e cousas taes dizeis!

TIRADENTES

O soldado é da Patria e não dos reis!

(Cresce a agitação no povo)

O PRESIDENTE *(aos meirinhos)*

Basta! Reconduzi o reu infame,  
Até que o executor à morte o chame!

TIRADENTES *(ao sair)*

Contente morrerei, Senhores Juizes,  
Porque morrerei só. Aos infelizes  
A quem sorriu a regia piedade  
Dê a inteira clemencia liberdade.

(Levantam-se os juizes e retiram-se. O povo das galerias dispersa-se, ficando somente Perpetua e Luiz. Perpetua, como si despertasse de um sonho, levanta a cabeça e reconhece o escravo de Gonzaga.

#### SCENA IV

PERPETUA

Aqui, tambem, Luiz?!

LUIZ

Minha senhora,  
O pobre escravo espera a sua hora.  
Quero remir, sacrificando a vida,  
Do meu senhor a falta commettida.

PERPETUA

ue alta praticou o teu senhor?

LUIZ

Deliniqui em fraqueza por amor.  
Sabeis que ha muito tempo vivo errante  
Por mattas, serras e sertões bravios,  
Já muito antes dos tramites sombrios  
Com que a Traição frustrou todo o levante  
Desse retiro incerto a soledade  
Acrysolou em mim mais a amisade,  
Que desde a infancia a meu senhor me enlaça,  
E que mais se estreitou com a desgraça.  
Muita vez, embuçado, em noute escura,  
A' Villa Rica fui, louco, á procura  
De novas suas. Tristes, entretanto,  
Eram ellas: o magico quebranto  
Do amor nupcial matára o patrio amor  
No bello coração do meu senhor!

PERPETUA

Que pretendes fazer?

LUIZ

Pedir audiencia  
E firme protestar sua innocencia!  
Pela primeira vez em minha vida  
Meus labios soarão phrase mentida;  
Mas tambem a verdade me ouvirão,  
Confessando-me reu de alta traição!

PERPETUA

Não o faças: a exilio condemnado,  
Elle será mais tarde perdoado.  
De arriscar tua vida não te louvo:  
Ella pertence a Deus, á Patria e ao Povo!  
(Ouve-se ao longe o côro religioso entoando Dies irae)

PERPETUA *(continuando)*

Aquelle, sim, pertence á outra existencia,  
Que nelle se esgotou a humana essencia..  
Já no oratorio sôa o triste accento  
E prestes aproxima-se o momento!

(Ouvem-se toques de cornetas para reunir a tropa)

O CORO RELIGIOSO *(ao longe)*

Tuba mirum spargens sonum,  
Per sepulchrum regionum,  
Coget omnes ante Thronum.

PERPETUA

Vamos tambem, Luiz, por Elle orar  
E receber seu derradeiro olhar...

*(Sahem)*

(SCENA V)

*(Mutaçao de scenario. Uma rua que faz esquina com outra em direcçao ao largo de S. Domingos, onde se erguem a forca. Desfilam a tropa, precedida dos clarins, tambores e caixas, as irmandades e em seguida Tiradentes, seu confessor, o Juiz das execuções, o Escrivão, o carrasco, o carro de transporte, populares, etc., Ouvem-se musicas marciaes e coros religiosos).*

CORO RELIGIOSO

Judex ergo cum sedebit,  
Quicquid latet apparebit,  
Nihil inultum remanebit

*(Para o prestito)*

O JUIZ *(a Tiradentes)*

Com um segredo só que reveleis  
Numa palavra, a vida salvareis!  
Onde pára o papel que denuncia  
Um criminoso de alta jerarchia?  
Foi em Minas roubado e a vós entregue.  
Fallae, e a execuçao não se prosegue...  
Pensae na vossa situaçao afflicta,  
Que a clemencia real é infinita!

TIRADENTES

Infinito é só Deus, cuja clemencia  
Faz os homens eguaes na outra existencia!  
O papel que julgaes commigo estar...

*(Com entonação solenne)*

Jaz no fundo do mar!!!...

*(O juiz faz signal para continuar o prestito. Tacam os clarins. Torna-se deserta a rua. O rumor do prestito vae diminuindo)*

SCENA VI

MARILIA E DEPOIS PERPETUA

MARILIA *(correndo desgrenhada e pallida)*

Tarde é talvez para com vida vel-o!

*(Depois de uma pausa)*

Quanto é mais nobre, grandioso e bello  
Dar pela Patria a vida, que viver  
Pelo amor exaltado de mulher!

*(Ao chegar à esquina, pára, olhando em direcção à praça)*

Eil-o junto ao patibulo chegando...  
Que magestoso porte venerando!  
Vae subindo os degraus... Martyr e santo.  
Perdoa-me, por ti verto meu pranto!  
Eil-o, afinal, de pé sobre o tablado...  
Vagueia em torno o olhar de resignado...  
Fita depois os céus, o corpo esquece...  
E seus labios suspiram uma prece...

*(Os clarins dão signal de sentido)*

MARILIA

Ajoelha-se! Meu Deus! E' o sacrificio!  
Deus de Misericordia! Que supplicio!!!

*(Ha uma pausa de profundo silencio. Marilia fita desvairada o patibulo, venda os olhos com as mãos, dá um grito agudissimo e cae sem sentidos. Rufam os tambores. Perpetua vem entrando, com o rosto angustiado, mas sereno e ao avistar o cadafalso, ajoelha-se junto de Marilia desmaiada).*

## EPILOGO

PERPETUA

Não vejo o mortô da justiça humana!  
Vejo a Gloria da Patria soberana!  
Vejo a justiça da posteridade,  
Glorificando o sol da Liberdade!!...

(Perpetua fica em extasis. Ouvem-se as ultimas notas do hymno portuguez, tocando ao longe, logo abalado pelo fortissimo da orchestra que retoma o motivo do coro dos contribuintes, ao mesmo tempo que rasga-se o panno e apparece no fundo a bahia do Rio de Janeiro, illuminada pelo sol do meio dia e o espectro luminoso de Tiradentes em attitude de ascensão).

*(Cae o panno)*

FIM DO 4.º E ULTIMO ACTO

---